

*** A Distributed Proofreaders Canada Ebook ***

This ebook is made available at no cost and with very few restrictions. These restrictions apply only if (1) you make a change in the ebook (other than alteration for different display devices), or (2) you are making commercial use of the ebook. If either of these conditions applies, please check with an FP administrator before proceeding.

This work is in the Canadian public domain, but may be under copyright in some countries. If you live outside Canada, check your country's copyright laws. **If the book is under copyright in your country, do not download or redistribute this file.**

Title: Livro de Mágoas

Author: Espanca, Florbela (1894-1930)

Date of first publication: 1919

Edition used as base for this ebook: Coimbra: Gonçalves, 1934 (*Sonetos Completos*)

Date first posted: 21 August 2009

Date last updated: 30 June 2014

Faded Page ebook#20091003

This ebook was produced by: Júlio Reis & the Online Distributed Proofreading Team at <http://www.pgdpCanada.net>

This file was produced from images generously made available by the Biblioteca Nacional de Portugal (Biblioteca Nacional Digital)

*** Livre électronique de Distributed Proofreaders Canada ***

Le présent livre électronique est rendu accessible gratuitement et avec quelques restrictions seulement. Ces restrictions ne s'appliquent que si [1] vous apportez des modifications au livre électronique (et que ces modifications portent sur le contenu et le sens du texte, pas simplement sur la mise en page) ou [2] vous employez ce livre électronique à des fins commerciales. Si l'une de ces conditions s'applique, veuillez consulter avec un administrateur de la FP avant de continuer.

Ce texte est dans le domaine public au Canada, mais pourrait être couvert par le droit d'auteur dans certains pays. Si vous ne vivez pas au Canada, renseignez-vous sur les lois concernant le droit d'auteur. **Dans le cas où le livre est couvert par le droit d'auteur dans votre pays, ne le téléchargez pas et ne redistribuez pas ce fichier.**

Titre: Livro de Mágoas

Auteur: Espanca, Florbela (1894-1930)

Date de la première publication: 1919

Édition utilisée comme modèle pour ce livre électronique: Coimbra: Gonçalves, 1934 (*Sonetos Completos*)

Date de la première publication sur Distributed Proofreaders Canada: 21 août 2009

Ce livre électronique a été créé par: Júlio Reis et l'équipe des correcteurs d'épreuves (Canada) à
<http://www.pgdpcanada.net>

Nous tenons à remercier la Biblioteca Nacional de Portugal (Biblioteca Nacional Digital) d'avoir offert en ligne les images de l'édition imprimée sur laquelle nous avons fondé ce livre électronique.

Nota de transcrição:

A errata presente no final do volume foi aplicada.

Índice:

- [ÊSTE LIVRO...](#)
- [VAIDADE](#)
- [EU](#)
- [CASTELÃ DA TRISTEZA](#)
- [TORTURA](#)
- [LÁGRIMAS OCULTAS](#)
- [TÔRRE DE NÉVOA](#)
- [A MINHA DOR](#)
- [DIZERES ÍNTIMOS](#)
- [AS MINHAS ILUSÕES](#)
- [NEURASTENIA](#)
- [PEQUENINA](#)
- [A MAIOR TORTURA](#)
- [A FLOR DO SONHO](#)
- [NOITE DE SAÚDE](#)
- [ANGÚSTIA](#)
- [AMIGA](#)
- [DESEJOS VÃOS](#)
- [PIOR VELHICE](#)
- [A UM LIVRO](#)
- [ALMA PERDIDA](#)
- [DE JOELHOS](#)
- [LANGUIDEZ](#)
- [PARA QUÊ?](#)

- [AO VENTO](#)
 - [TÉDIO](#)
 - [MINHA TRAGÉDIA](#)
 - [SEM REMÉDIO](#)
 - [MAIS TRISTE](#)
 - [VELHINHA](#)
 - [EM BUSCA DO AMOR](#)
 - [IMPOSSÍVEL](#)
-

LIVRO DE MÁGOAS

(1919)

*Procuremos sòmente a Beleza, que a vida
É um punhado infantil de areia ressequida
Um som d'água ou de bronze e uma sombra que passa...*

EUGÉNIO DE CASTRO.

*Isolés dans l'amour ainsi qu'en un bois noir,
Nos deux cœurs, exalant leur tendresse paisible,
Seront deux rossignols que chantent dans le soir.*

VERLAINE.

ÊSTE LIVRO...

Êste livro é de mágoas. Desgraçados
Que no mundo passais, chorai ao lê-lo!
Sòmente a vossa dor de Torturados
Pode, talvez, senti-lo... e compreendê-lo.

Êste livro é para vós. Abençoados
Os que o sentirem, sem ser bom nem belo!
Bíblia de tristes... Ó Desventurados,
Que a vossa imensa dor se acalme ao vê-lo!

Livro de Mágoas... Dores... Ansiedade!
Livro de sombras... Névoas... e Saüdades!
Vai pelo mundo... (Trouxe-o no meu seio...)

Irmãos na Dor, os olhos razos de água,
Chorai comigo a minha imensa mágoa,
Lendo o meu livro só de mágoas cheio!...

VAIDADE

Sonho que sou a Poetisa eleita,
Aquele que diz tudo e tudo sabe,
Que tem a inspiração pura e perfeita,
Que reúne num verso a imensidade!

Sonho que um verso meu tem claridade
Para encher todo o mundo! E que deleita
Mesmo aqueles que morrem de saudade!
Mesmo os de alma profunda e insatisfeita!

Sonho que sou Alguém cá neste mundo...
Aquele de saber vasto e profundo,
Aos pés de quem a terra anda curvada!

E quando mais no céu eu vou sonhando,
E quando mais no alto ando voando,
Acordo do meu sonho...

E não sou nada!...

EU

Eu sou a que no mundo anda perdida,
Eu sou a que na vida não tem norte,
Sou a irmã do Sonho, e desta sorte
Sou a crucificada... a dolorida...

Sombra de névoa ténue e esvaecida,
E que o destino amargo, triste e forte,
Impele brutalmente para a morte!
Alma de luto sempre incompreendida!...

Sou aquela que passa e ninguém vê...
Sou a que chamam triste sem o ser...
Sou a que chora sem saber porquê...

Sou talvez a visão que Alguém sonhou,
Alguém que veio ao mundo p'ra me ver
E que nunca na vida me encontrou!

CASTELÃ DA TRISTEZA

Altiva e couraçada de desdém,
Vivo sòzinha em meu castelo: a Dor!
Passa por êle a luz de todo o amor...
E nunca em meu castelo entrou alguém!

Castelã da Tristeza, vês?... A quem?...
—E o meu olhar é interrogador—
Prescruto, ao longe, as sombras do sol-pôr...
Chora o silêncio... nada... ninguém vem...

Castelã da Tristeza, porque choras
Lendo, tôda de branco, um livro de oras,
Á sombra rendilhada dos vitrais?...

A noite, debruçada p'las ameias,
Porque rezas baixinho?... Porque anseias?...
Que sonho afagam tuas mãos reais?...

TORTURA

Tirar dentro do peito a Emoção,
A lúcida Verdade, o Sentimento!
—E ser, depois de vir do coração,
Um punhado de cinza esparso ao vento!...

Sonhar um verso d'alto pensamento,
E puro como um ritmo d'oração!
—E ser, depois de vir do coração,
O pó, o nada, o sonho dum momento...

São assim ôcos, rudes, os meus versos:
Rimas perdidas, vendavais dispersos,
Com que eu iludo os outros, com que minto!

Quem me dera encontrar o verso puro,
O verso altivo e forte, estranho e duro,
Que dissesse, a chorar, isto que sinto!

LÁGRIMAS OCULTAS

Se me ponho a cismar em outras eras
Em que ri e cantei, em que era qu'rida,
Parece-me que foi noutras esferas,
Parece-me que foi numa outra vida...

E a minha triste bôca dolorida
Que dantes tinha o rir das primaveras,
Esbate as linhas graves e severas
E cai num abandono de esquecida!

E fico, pensativa, olhando o vago...
Toma a brandura plácida dum lago
O meu rosto de monja de marfim...

E as lágrimas que choro, branca e calma,
Ninguém as vê brotar dentro da alma!
Ninguém as vê cair dentro de mim!

TÔRRE DE NÉVOA

Subi ao alto, à minha Tôrre esguia,
Feita de fumo, névoas e luar,
E pus-me, comovida, a conversar
Com os poetas mortos, todo o dia.

Contei-lhes os meus sonhos, a alegria
Dos versos que são meus, do meu sonhar,
E todos os poetas, a chorar,
Responderam-me então: Que fantasia,

Criança doida e crente! Nós também
Tivemos ilusões, como ninguém,
E tudo nos fugiu, tudo morreu!...

Calaram-se os poetas, tristemente...
E é desde então que eu choro amargamente
Na minha Tôrre esguia junto ao Céu!...

A MINHA DOR

A Você.

A minha Dor é um convento ideal
Cheio de claustros, sombras, arcarias,
Aonde a pedra em convulsões sombrias
Tem linhas dum requinte escultural.

Os sinos têm dobres d'agonias
Ao gemer, comovidos, o seu mal...
E todos têm sons de funeral,
Ao bater horas, no correr dos dias...

A minha Dor é um convento. Há lírios
Dum roxo macerado de martírios,
Tão belos como nunca os viu alguém!

Nesse triste convento aonde eu moro,
Noites e dias rezo e grito e choro,
E ninguém ouve... ninguém vê... ninguém...

DIZERES ÍNTIMOS

É tão triste morrer na minha idade!
E vou ver os meus olhos, penitentes
Vestidinhos de roxo, como crentes
Do soturno convento da Saúde!

E logo vou olhar (com que ansiedade!...)
As minhas mãos esguias, languescentes,
De brancos dedos, uns bébés doentes
Que hão de morrer em plena mocidade!

E ser-se novo é ter-se o Paraíso.
É ter-se a estrada larga, ao sol, florida,
Aonde tudo é luz e graça e riso!

E os meus vinte e três anos... (Sou tão nova!)
Dizem baixinho a rir: «Que linda a vida!...»
Responde a minha Dor: «Que linda a cova!»

AS MINHAS ILUSÕES

Hora sagrada dum entardecer
D'Outono, à beira-mar, côr de safira.
Soa no ar uma invisível lira...
O sol é um doente a enlanguescer...

A vaga estende os braços a suster.
Numa dor de revolta cheia de ira,
A doirada cabeça que delira
Num último suspiro, a estremecer.

O sol morreu... e veste luto o mar...
E eu vejo a urna d'oiro, a baloiçar,
À flor das ondas num lençol de espuma.

As minhas ilusões, doce tesoiro,
Também as vi levar em urna d'oiro.
No Mar da Vida, assim... uma por uma...

NEURASTENIA

Sinto hoje a alma cheia de tristeza!
Um sino dobra em mim, Ave-Marias!
Lá fora, a chuva, brancas mãos esguias,
Faz na vidraça rendas de Veneza...

O vento desgrenhado, chora e reza
Por alma dos que estão nas agonias!
E flocos de neve, aves brancas, frias,
Batem as asas pela Natureza...

Chuva... tenho tristeza! Mas porquê?
Vento... tenho saudades! Mas de quê?
Ó neve que destino triste o nosso!

Ó chuva! Ó vento! Ó neve! Que tortura!
Gritem ao mundo inteiro esta amargura,
Digam isto que sinto que eu não posso!!...

PEQUENINA

À Maria Helena Falcão Risques.

És pequenina e ris... A bôca breve
É um pequeno idílio côm de rosa...
Haste de lírio frágil e mimosa!
Cofre de beijos feito sonho e neve!

Doce quimera que a nossa alma deve
Ao Céu que assim te fêz tão graciosa!
Que nesta vida amarga e tormentosa
Te fêz nascer como um perfume leve!

O ver o teu olhar faz bem à gente...
E cheira e sabe, a nossa bôca, a flores
Quando o teu nome diz, suavemente...

Pequenina que a Mãe de Deus sonhou,
Que ela afaste de ti aquelas dores
Que fizeram de mim isto que sou!

A MAIOR TORTURA

A Um Grande Poeta de Portugal.

Na vida, para mim, não há deleite.
Ando a chorar convulsa noite e dia...
E não tenho uma sombra fugidia
Onde poise a cabeça, onde me deite!

E nem flor de lilaz tenho que enfeite
A minha atroz, imensa, nostalgia...
A minha pobre Mãe tão branca e fria
Deu-me a beber a Mágoa no seu leite!

Poeta, eu sou um cardo desprezado,
A urze que se pisa sob os pés.
Sou, como tu, um riso desgraçado!

Mas a minha tortura 'inda é maior:
Não ser poeta assim como tu és
Para gritar num verso a minha Dor!...

A FLOR DO SONHO

A flor do Sonho alvíssima, divina,
Miraculosamente abriu em mim,
Como se uma magnólia de setim
Fôsse florir num muro todo em ruína.

Pende em meu seio a haste branda e fina
E não posso entender como é que, enfim,
Essa tão rara flor abriu assim!...
Milagre... fantasia... ou talvez, sina...

Ó Flor que em mim nasceste sem abrolhos,
Que tem que sejam tristes os meus olhos
Se êles são tristes pelo amor de ti?!...

Desde que em mim nasceste em noite calma,
Voou ao longe a asa da minh'alma
E nunca, nunca mais eu me entendi...

NOITE DE SAÜDADE

A Noite vem pousando devagar
Sôbre a terra que inunda de amargura...
E nem sequer a bênção do luar
A quis tornar divinamente pura...

Ninguém vem atrás dela a acompanhar
A sua dor que é cheia de tortura...
E eu oiço a Noite imensa soluçar!
E eu oiço soluçar a Noite escura!

Porque és assim tão 'scura, assim tão triste?
É que talvez, ó Noite, em ti existe
Uma Saüdade igual à que eu contenho!

Saüdade que eu não sei donde me vem...
Talvez de ti, ó Noite!... Ou de ninguém!...
Que eu nunca sei quem sou, nem o que tenho!!

ANGÚSTIA

Tortura do pensar! Triste lamento!
Quem nos dera calar a tua voz!
Quem nos dera cá dentro, muito, a sós,
Estrangular a hidra num momento!

E não sequer pensar!... E o pensamento
Sempre a morder-nos bem, dentro de nós...
Qu'rer apagar no Céu—Ó sonho atroz!—
O brilho duma estrêla, com o vento!...

E não se apaga, não... nada se apaga.
Vem sempre rastejando como a vaga...
Vem sempre perguntando: «O que te resta?...»

Ah! não ser mais que o vago, o infinito!
Ser pedaço de gelo, ser granito,
Ser rugido de tigre na floresta!

AMIGA

Deixa-me ser tua amiga, Amor;
A tua amiga só, já que não queres
Que pelo teu amor seja a melhor
A mais triste de tôdas as mulheres.

Que só, de ti, me venha mágoa e dor
O que me importa a mim?! O que quiseses.
É sempre um sonho bom! Seja o que fôr
Bemdito sejas tu por mo dizeres!

Beija-me as mãos, Amor, devagarinho...
Como se os dois nascessemos irmãos,
Aves cantando, ao sol, no mesmo ninho...

Beija-mas bem!... Que fantasia louca
Guardar assim, fechados, nestas mãos,
Os beijos que sonhei p'ra minha bôca...

DESEJOS VÃOS

Eu qu'ria ser o Mar d'altivo porte
Que ri e canta, a vastidão imensa!
Eu qu'ria ser a pedra que não pensa,
A Pedra do caminho, rude e forte!

Eu qu'ria ser o sol, a luz intensa,
O bem do que é humilde e não tem sorte!
Eu qu'ria ser a árvore tôska e densa
Que ri do mundo vão e até da morte!

Mas o Mar também chora de tristeza...
As árvores, também, como quem reza,
Abrem, aos Céus os braços, como um crente!

E o Sol altivo e forte, ao fim dum dia,
Tem lágrimas de sangue na agonia!
E as Pedras... essas... pisa-as tôda a gente!...

PIOR VELHICE

Sou vélha e triste. Nunca o alvorocer
Dum riso são andou na minha bôca!
Gritando que me acudam, em voz rouca,
Eu, Náufraga da Vida, ando a morrer!

A Vida que ao nascer enfeitada e touca
D'alvas rosas, a fronte da mulher,
Na minha fronte mística de louca
Martírios só poisou a emmurcheçar!

E dizem que sou nova... A mocidade
Estará só, então, na nossa idade,
Ou está em nós e em nosso peito mora?!...

Tenho a pior velhice, a que é mais triste,
Aquele onde nem sequer existe
Lembrança de ter sido nova... outrora...

A UM LIVRO

No silêncio de cinzas do meu Ser
Agita-se uma sombra de cipreste.
Sombra roubada ao livro que ando a ler
A êsse livro de mágoas que me deste.

Estranho livro aquêle que escreveste,
Artista da saüdade e do sofrer!
Estranho livro aquêle em que puseste
Tudo o que eu sinto, sem poder dizer!

Leio-o e folheio, assim, tôda a minh'alma!
O livro que me deste é meu e psalma
As orações que choro e rio e canto!...

Poeta igual a mim, ai quem me dera
Dizer o que tu dizes!... Quem soubera
Velar a minha Dor dêsse teu manto!...

ALMA PERDIDA

Tôda esta noite o rouxinol chorou,
Gemeu, rezou, gritou perdidamente!
Alma de rouxinol, alma da gente,
Tu és, talvez, alguém que se finou!

Tu és, talvez, um sonho que passou,
Que se fundiu na Dor, suavemente...
Talvez sejas a alma, alma doente
D'alguém que quis amar e nunca amou!

Tôda a noite choraste... e eu chorei
Talvez porque, ao ouvir-te, adivinhei
Que ninguém é mais triste do que nós!

Contaste tanta coisa à noite calma,
Que eu pensei que tu eras a minh'alma
Que chorasse perdida em tua voz!...

DE JOELHOS

«Bem dita seja a mãe que te gerou.»
Bem dito o leite que te fêz crescer.
Bem dito o berço aonde te embalou
A tua alma, p'ra te adormecer!

Bem dita essa canção que acalentou
Da tua vida o doce alvorecer...
Bem dita seja a lua que inundou
De luz, a terra, só para te ver...

Bem ditos sejam todos que te amarem,
As que em volta de ti ajoelharem
Numa grande paixão fervente e louca!

E se mais que eu, um dia, te quiser
Alguém, bem dita seja essa Mulher,
Bem dito seja o beijo dessa bôca!!

LANGUIDEZ

Tardes da minha terra, doce encanto,
Tardes duma pureza d'açucenas,
Tardes de sonho, as tardes de novenas,
Tardes de Portugal, as tardes d'Anto,

Como eu vos quero e amo! Tanto! Tanto!...
Horas bemditas, leves como penas,
Horas de fumo e cinza, horas serenas,
Minhas horas de dor em que eu sou santo!

Fecho as pálpebras roxas, quási pretas,
Que poisam sôbre duas violetas,
Asas leves cansadas de voar...

E a minha bôca tem uns beijos mudos...
E as minhas mãos, uns pálidos veludos,
Traçam gestos de sonho pelo ar...

PARA QUÊ?

Tudo é vaidade neste mundo vão...
Tudo é tristeza; Tudo é pó, é nada!
E mal desponta em nós a madrugada,
Vem logo a noite encher o coração!

Até o amor nos mente, essa canção
Que o nosso peito ri à gargalhada,
Flor que é nascida e logo desfolhada,
Pétalas que se pisam pelo chão!

Beijos d'amor! P'ra quê?!... Tristes vaidades!
Sonhos que logo são realidades,
Que nos deixam a alma como morta!

Só acredita nêles quem é louca!
Beijos d'amor que vão de bôca em bôca,
Como pobres que vão de porta em porta!...

AO VENTO

O vento passa a rir, torna a passar,
Em gargalhadas ásp'ras de demente;
E esta minh'alma trágica e doente
Não sabe se há de rir, se há de chorar!

Vento de voz tristonha, voz plangente,
Vento que ris de mim, sempre a troçar,
Vento que ris do mundo e do amar,
A tua voz tortura tôda a gente!...

Vale-te mais chorar, meu pobre amigo!
Desabafa essa dor a sós comigo,
E não rias assim!... Ó vento, chora!

Que eu bem conheço, amigo, êsse fadário
Do nosso peito ser como um calvário,
E a gente andar a rir p'la vida fora!!...

TÉDIO

Passo pálida e triste. Oiço dizer
«Que branca que ela é! Parece morta!»
E eu que vou sonhando, vaga, absorta,
Não tenho um gesto, ou um olhar sequer...

Que diga o mundo e a gente o que quiser!
—O que é que isso me faz?... O que me importa?..
O frio que trago dentro gela e corta
Tudo que é sonho e graça na mulher!

O que é que me importa?! Essa tristeza
É menos dor intensa que frieza,
É um tédio profundo de viver!

E é tudo sempre o mesmo, eternamente...
O mesmo lago plácido, dormente...
E os dias, sempre os mesmos, a correr...

MINHA TRAGÉDIA

Tenho ódio à luz e raiva à claridade
Do sol, alegre, quente, na subida.
Parece que a minh'alma é perseguida
Por um carrasco cheio de maldade!

Ó minha vã, inútil mocidade
Trazes-me embriagada, entontecida!...
Duns beijos que me destes noutra vida,
Trago em meus lábios roxos, a saudade!...

Eu não gosto do sol, eu tenho medo
Que me leiam nos olhos o segrêdo
De não amar ninguém, de ser assim!

Gosto da Noite imensa, triste, preta,
Como esta estranha e doida borboleta
Que eu sinto sempre a voltejar em mim!...

SEM REMÉDIO

Aquêles que me têm muito amor
Não sabem o que sinto e o que sou...
Não sabem que passou, um dia a Dor,
À minha porta e, nesse dia, entrou.

E é desde então que eu sinto êste pavor,
Êste frio que anda em mim, e que gelou
O que de bom me deu Nosso Senhor!
Se eu nem sei por onde ando e onde vou!!

Sinto os passos da Dor, essa cadência
Que é já tortura infinda, que é demência!
Que é já vontade doida de gritar!

E é sempre a mesma mágoa, o mesmo tédio,
A mesma angústia funda, sem remédio,
Andando atrás de mim, sem me largar...

MAIS TRISTE

É triste, diz a gente, a vastidão
Do Mar imenso! E aquela voz fatal
Com que êle fala, agita o nosso mal!
E a Noite é triste como a Extrêma-Unção!

É triste e dilacera o coração
Um poente do nosso Portugal!
E não vêem que eu sou... eu... afinal,
A coisa mais magoada das que o são?!...

Poentes d'agonia trago-os eu
Dentro de mim e tudo quanto é meu
É um triste poente de amargura!

E a vastidão do Mar, tôda essa água
Trago-a dentro de mim num Mar de Mágoa!
E a Noite sou eu própria! A Noite escura!!

VÈLHINHA

Se os que me viram já cheia de graça
Olharem bem de frente para mim,
Talvez, cheios de dor digam assim:
«Já ela é vélha! Como o tempo passa!...»

Não sei rir e cantar por mais que faça!
Ó minhas mãos talhadas em marfim,
Deixem êsse fio d'oiro que esvoaça!
Deixem correr a vida até ao fim!

Tenho vinte-e-três anos! Sou vèlhinha!
Tenho cabelos brancos e sou crente...
Já murmuro orações... falo sòzinha...

E o bando côr de rosa dos carinhos
Que tu me fazes, olho-os indulgente,
Como se fôsse um bando de nétinhos...

EM BUSCA DO AMOR

O meu Destino disse-me a chorar:
«Pela estrada da Vida vai andando;
E, aos que vires passar, interrogando
Acêrca do Amor que hás de encontrar.»

Fui pela estrada a rir e a cantar,
As contas do meu sonho desfiando...
E noite e dia, à chuva e ao luar,
Fui sempre caminhando e perguntando...

Mesmo a um vèlho eu perguntei: «Vèlhinho
Viste o Amor acaso em teu caminho?»
E o vèlho estremeceu... olhou... e riu...

Agora pela estrada, já cansados
Voltam todos p'ra trás desanimados...
E eu paro a murmurar: «Ninguém o viu!...»

IMPOSSÍVEL

Disseram-me hoje, assim, ao ver-me triste:

«Parece Sexta-feira de Paixão.

Sempre a cismar, cismar, d'olhos no chão,

Sempre a pensar na dor que não existe...

O que é que tem?! Tão nova e sempre triste!

Faça por 'star contente! Pois então?!...»

Quando se sofre o que se diz é vão...

Meu coração, tudo, calado ouviste...

Os meus males ninguém mos adivinha...

A minha Dor não fala, anda sòzinha...

Dissesse ela o que sente! Ai quem me dera!...

Os males d'Anto tôda a gente os sabe!

Os meus... ninguém... A minha Dor não cabe

Nos cem milhões de versos que eu fizera!...

[End of *Livro de Mágoas* by Florbela Espanca]

[Fin de *Livro de Mágoas* par Florbela Espanca]